

## **Os ventos da Guerra Fria sopram sobre as Américas: As relações Cuba-URSS vistas pela diplomacia brasileira (1959-1962)**

**The wind of the Cold War blows over the Americas: The Cuba- USSR relationships seen by the Brazilian diplomacy (1959-1962)**

**Resumo:** Este artigo aborda como a Revolução Cubana alterou significativamente as relações entre os países no continente americano. Para o governo Kennedy, Fidel Castro representava a maior ameaça ao seu domínio hegemônico nas Américas. Em um período inferior a dois anos, muitas foram as desavenças entre os Estados Unidos da América e a República de Cuba. Algumas foram tratadas ao nível da diplomacia outras através do emprego da força militar. O Brasil não passava ao largo dessas disputas. Em razão de sua Política Externa Independente, o governo Goulart se via bastante envolvido na questão de Cuba. Mesmo em meio a emergência de um novo Conselho de Ministros e preocupado com as eleições que se realizariam, o governo brasileiro não deixava de prestar atenção naquela pequena ilha do Caribe e nas ações do governo dos EUA. Uma delas, em especial, era alvo de grande interesse do presidente João Goulart e do primeiro-ministro Hermes Lima: o encontro do secretário de Estado, Dean Rusk, com os representantes dos países latino-americanos junto à Organização dos Estados Americanos (OEA).

**Palavras-chave:** Revolução Cubana; Guerra Fria; Organização dos Estados Americanos (OEA)

**Abstract:** This article discusses how the Cuban Revolution significantly altered the relations among the countries in the American continent. For the Kennedy government, Fidel Castro represented the greatest intimidation to his hegemonic domination in the Americas. In a period of less than two years, there were many disputes between the United States of America and the Republic of Cuba. Some of them were treated with diplomacy level, but others, were treated through the use of military force. Brazil did not go beyond these disputes. According to its Política Externa Independente, the Goulart government was involved in the Cuba issue. Even in the midst of the emergence of a new Council of Ministers and concerned about the elections that would happen, the Brazilian government was paying attention to that small island in the Caribbean and to the actions of the US government. One of them, in particular, was the object of great interest by President João Goulart and Prime Minister Hermes Lima: the meeting of Secretary of State Dean Rusk with representatives of the Latin American countries at the Organization of American States (OAS).

**Keywords:** Cuban Revolution; Cold War; Organization of American States (OAS)

Fecha de recepción: 23 de agosto de 2017

Fecha de aceptación: 19 de octubre de 2017

## **Os ventos da Guerra Fria sopram sobre as Américas: As relações Cuba-URSS vistas pela diplomacia brasileira (1959-1962)**

Dedicado para a Professora Roberta Pizzio.  
Com Todo o Meu Amor!

**Charles Sidarta\***

### **Introdução**

Com a Revolução Cubana, temos uma nova fase na história, com a latino-americanização da Guerra Fria. O conflito entre Leste-Oeste passa a ser uma realidade concreta no subcontinente. Nessa mesma época – o início dos anos 1960 – o Brasil foi marcado por um período de forte debate político e de significativa participação popular. Com a eleição de Jânio Quadros e João Goulart houve uma mudança de orientação na política externa brasileira representada pela Política Externa Independente (PEI). Mesmo com a renúncia de Quadros e a atribulada conjuntura da posse de João Goulart – marcada pelo Movimento da Legalidade e da instauração do parlamentarismo –, a PEI logrou continuidade. Através desta política externa, o Brasil se colocava em um novo patamar nas relações internacionais: procurava obter uma posição de relativa autonomia dos blocos político-econômicos do período da Guerra Fria, a saber, o capitalista e o socialista.

Um dos pontos mais polêmicos referentes à Política Externa Independente está ligado às medidas do Brasil com relação à República de Cuba. A pequena ilha caribenha se mostrou uma ameaça para o capitalismo na América Latina e, desta forma, para os EUA na Guerra Fria. Dadas suas condições históricas, o nacionalismo cubano se desenvolveu combinando aspectos antiimperialistas e anticapitalistas, até culminar com a sua declaração de socialismo em 16 de abril de 1961. Ao defender o direito à autodeterminação dos povos e o princípio de não-intervenção, a PEI do governo do Brasil constituía um obstáculo aos objetivos dos Estados Unidos em relação à ilha.

### **Cuba e sua Revolução: um furacão no Caribe**

Embora tenha morrido praticamente uma semana após o desembarque em solo cubano, em 19 de abril de 1895, José Martí era a mais importante referência para o sentimento nacional que impulsionava a luta pela independência cubana. Jornalista e escritor, Martí propiciou a consistência moral do povo cubano. Quando do exílio, foi o fundador do Partido Revolucionário Cubano, unificando, através do discurso nacionalista, todas as facções que se opunham ao domínio da Espanha.<sup>1</sup>

---

\* Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), Brasil. E-mail: csmd@terra.com.br

<sup>1</sup> Luiz Roberto Lopez destaca a importância de Martí para o sentimento antiimperialista que respaldou a Revolução Cubana: “Morto José Martí [...] ficou intocável o maior mérito do ‘Apóstolo de Cuba’ – o de haver sido um precursor na formação de uma consciência antiimperialista na América Latina” (Lopez, 1983: 41).

Ao longo da “segunda guerra de independência cubana” (1895-1898), morreram aproximadamente 400 mil cubanos contra 80 mil espanhóis.<sup>2</sup> Mesmo assim, as forças cubanas conseguiram obter o domínio sobre a ilha e sua capital, Havana. Em 15 de fevereiro de 1898, quando as forças cubanas estavam prestes a expulsar os espanhóis, houve a explosão do navio estadunidense *Maine*, que estava ancorado no porto de Havana. Em razão disso, os Estados Unidos da América declaram guerra à Espanha e interviram em território cubano. Em pouco tempo a guerra hispano-americana teve fim: em agosto foi assinado o armistício e em dezembro a Espanha reconheceu a independência de Cuba.

Todavia, a “independência” de Cuba não se constituiu em um exercício de fato de sua soberania. Os Estados Unidos mantiveram o controle militar sobre o país até 1902, através da *Emenda Platt*.

Os Estados Unidos começavam a emergir como a principal força imperialista na América Latina, suplantando a Inglaterra. Cuba se constituía como seu principal laboratório. Até o ano de 1958, mantiveram o controle político e econômico sobre o país, tendo intervindo militarmente de forma direta após a decretação da *Emenda Platt* entre 1906 e 1909, em 1912, e de 1917 a 1923. Mesmo com a revogação da *Emenda Platt* em 1934 – em sintonia com a Política de Boa Vizinhança de Franklin Delano Roosevelt – os governos cubanos continuavam estabelecendo uma comutação de interesses entre os setores dominantes da ilha e os EUA. Tudo isso acabou incendiando o nacionalismo cubano, propalado por José Martí nos fins do século XIX, e lhe dando forte conteúdo antiimperialista, o que equivale a dizer, antiestadunidense.<sup>3</sup>

Poucos anos antes da revogação da *Emenda Platt*, Cuba passou pelo governo ditatorial do general Gerardo Machado (1925-1933). Marcadamente autoritário, esse governo teve na repressão violenta aos movimentos populares sua marca mais característica. Foi nesse período que nasceu o Partido Comunista Cubano (1925), que teve entre seus fundadores o jovem estudante Julio Antonio Mella, um ardoroso defensor da real independência cubana, eivada de nacionalismo antiimperialista.

A ditadura de Machado passava a sofrer contestações cada vez maiores. Com a crise de 1929 e a conseqüente diminuição da exportação do principal produto cubano – o açúcar – a ditadura ficou fragilizada. Carlos Manuel de Céspedes assumiu como presidente por um curto período – menos de um mês. Os setores subalternos do Exército, tendo à frente o sargento Fulgêncio Batista, depuseram Céspedes do poder, contando com o apoio do Diretório Estudantil Universitário – liderado por Antonio Guiteras Holmes e que representava as forças mais radicais a favor da independência de Cuba e de seu desenvolvimento. Com isso, Ramón Grau San Martín assumiu a presidência e sob influências do Diretório radicalizou o processo político:

<sup>2</sup> A “primeira guerra de independência” de Cuba ocorreu ao longo de 10 anos (1868-1878).

<sup>3</sup> Lopez recupera uma frase emblemática de José Martí a esse respeito: “os povos da América são mais livres e prósperos na medida em que mais se afastam dos Estados Unidos” (Lopez, 1983: 28). Vitor Bemvindo compreende o antiimperialismo cubano desenvolvendo-se concomitantemente ao sentimento anti-Estados Unidos por parcelas significativas do povo de Cuba. Essa associação entre imperialismo e Estados Unidos – que constrói as características antiimperialistas e antiestadunidenses – é apontada pelo autor como uma das causas da Revolução Cubana (Bemvindo, 2009).

[...]Bajo o lema de “Cuba para los cubanos”, el nuevo gobierno procedió a dictar leyes reformista a ritmo vertiginoso, comprometiéndose com la reconstrucción econômica, el cambio social y la reorganización política. El nuevo gobierno abrogó la Emienda Platt y disolvió todos los partidos machadistas. Las tarifas de los servicios públicos se rebajaron em un 40 por 100 y se redujeron los tipos de interés. Se dio el voto a las mujeres y la autonomía a la universidad. Em el terreno laboral, entre las reformas que efectuó el gobierno cabe señalar el salario mínimo para los cortadores de caña, el arbitraje obligatorio de los conflictos laborales, la jornada de ocho horas, indemnizaciones a los trabajadores, la creación de um ministerio de trabajo y um decreto sobre la nacionalización del trabajo que disponía que el 50 por 100 de todos los empleados de la industria, el comercio y la agricultura fuesen ciudadanos cubanos. Em cuanto a la agricultura, el gobierno patrocino la creación de asociaciones de colonos, garantizó a los campesinos el derecho permanente a la tierra que ocupaban y puso en marcha um programa de reforma agrária [...] (Pérez Junior, 1998: 162).

No entanto, o Exército não era favorável a essa radicalização. Percebendo isso, o embaixador estadunidense Sumner Welles tratou de convencer Batista da necessidade de interferir no poder – oferecendo o apoio dos EUA. Desse modo, em janeiro de 1934 Batista retirou o apoio do Exército a Grau San Martín e o ofereceu a Carlos Mendieta, velho político cubano: em cinco dias os EUA reconheceram o novo presidente.

Em 1939 se reuniu uma Assembleia Constituinte em Cuba. Com representação de todas as forças políticas do país foi promulgada a Constituição de 1940, notadamente progressista, tanto em relação aos direitos sociais quanto políticos. Não obstante, o que a Constituição fazia, de fato, era regulamentar as conquistas de 1933, embora muitos de seus artigos não tenham sido postos em prática.

No mesmo ano da promulgação da Constituição, 1940, houve eleições presidenciais. Fulgêncio Batista obteve mais de 800 mil votos, derrotando o candidato do PRC- Autentico, Grau San Martín, que recebeu 575 mil votos. Batista contou com o apoio do Partido Comunista Cubano, que foi acalentado com dois ministérios.<sup>4</sup> Ao longo desses quatro anos – nos quais a Segunda Guerra Mundial favoreceu a economia cubana – Batista governou em franca aliança com os EUA.

Em 1944 o candidato da situação, Carlos Saladrigas, foi derrotado por Grau San Martín, que trazia grandes expectativas. Porém, a corrupção, a subordinação aos Estados Unidos e o “gangsterismo” gestado ao longo do governo Batista não foram exterminados durante o seu governo (1944-1948). E continuaram presentes ao longo do governo de seu sucessor, Carlos Prío Socarrás (1948-1952).

Fidel Castro, nessa época, fazia parte do Partido do Povo Cubano (Ortodoxos), uma dissidência do PRC (Autenticos). A principal liderança do partido era o senador Eduardo Chibás, potencial candidato da oposição e que tinha seus discursos transmitidos pelo rádio todos os domingos. Num desses programas de rádio, no ano de 1951, ao não conseguir as

---

<sup>4</sup> Os ministérios foram ocupados por Juan Marinello e Carlos Rafael Rodríguez.

provas que tinha anunciado divulgar no ar, o senador acabou se suicidando no estúdio da rádio.

Em 1952 Batista, sabedor que perderia eleição para Agramonte, desfere o golpe militar. Nessa conjuntura, Fidel Castro é convidado a ingressar no Partido Socialista Popular (PSP), mas acaba recusando.<sup>5</sup> O golpe militar de Fulgêncio Batista desencadeia um descrédito muito grande nas instituições políticas. E propicia, desse modo, a busca por novas alternativas. Dentre elas, a luta armada é uma opção que congrega distintos setores da população – embora nesse primeiro momento estejam ainda muito vinculados com os setores médios urbanos. Desse modo, Castro e seus companheiros planejam atacar o quartel de Moncada. Contudo, o ataque fracassa e vários companheiros de Fidel são executados pelo Exército.

Fidel Castro acaba sendo preso e julgado. Ele mesmo faz sua defesa, advogado de ofício que é. Vincula sua defesa à defesa do povo cubano; traz sua decepção como uma decepção da cidadania:

Era uma vez uma república. Tinha sua constituição, suas leis, suas liberdades; presidentes, congresso, tribunais; todo o mundo podia se reunir, organizar-se, falar e escrever com inteira liberdade. O governo não satisfazia ao povo, mas o povo podia mudá-lo e só faltavam alguns dias para que o fizessem. Existia uma opinião pública respeitada e acatada, e todos os problemas de interesse coletivo eram discutidos livremente. Havia partidos políticos, horas de propaganda pelo rádio, debates na televisão, atos públicos, e no povo palpitava o entusiasmo. Este povo tinha sofrido muito e, se não era feliz, desejava sê-lo e tinha direito a isso. Tinha sido enganado muitas vezes e olhava o passado com verdadeiro terror. Acreditava cegamente que ele não poderia voltar; estava orgulhoso do seu amor à liberdade e vivia convencido de que ela seria respeitada como coisa sagrada; sentia uma nobre confiança na segurança de que ninguém se atreveria a cometer o crime de atentar contra suas instituições democráticas. Desejava uma mudança, uma melhoria, um avanço, e os via próximos. Toda sua esperança estava no futuro. Pobre povo! Uma manhã a cidadania despertou estremecida; nas sombras da noite os espectros do passado tinham se conjurado enquanto ela dormia, e agora a tinham agarrada pelas mãos, pelos pés e pelo pescoço. Aquelas garras eram conhecidas, aquelas gargantas, aquelas foices de morte, aquelas botas... Não, não era um pesadelo; tratava-se da triste e terrível realidade: um homem chamado Fulgêncio Batista acabava de cometer o horrível crime que ninguém esperava... (Castro, 2009: 71-21).

Castro acabou sendo condenado a quinze anos de prisão e cumpriu um período de mais de um ano de detenção. Em razão do clamor popular foi concedida anistia aos rebeldes. Castro funda o Movimento 26 de Julho e se retira para o exílio no México.

No período em que os rebeldes estão no México, Fidel conhece Ernesto Che Guevara. O treinamento dos rebeldes é intenso no ano de 1956. Preparam para novembro seu desembarque em Cuba. A bordo do precário iate *Gramma*, 81 rebeldes cubanos (e 1 argentino) viajam pelo mar em condições adversas.

---

<sup>5</sup> O Partido Comunista Cubano assumiu a denominação PSP em 1944, ao fim do governo de Fulgencio Batista. Por seu apoio oportunista ao governo Batista, o Partido Comunista Cubano entrou em grande descrédito popular, sendo associado aos partidos políticos tradicionais.

Em fevereiro de 1957, a Revolução ganhou um aliado importante: a opinião pública internacional. Através do contato com o jornalista Herbert Matthews, do *New York Times*, e veterano da Guerra Civil Espanhola, há uma movimentação mais simpática aos revolucionários (Szulc, 1987: 475-483).

Parte da imprensa se tornou, nesse período, mais um ponto de apoio para a revolução que se aproximava; internamente, outro papel importante era desempenhado pela Rádio Rebelde. Mas o apoio maior vinha do próprio processo revolucionário, ao longo dos anos de 1957 e 1958: contribuiu em muito para isso a reforma agrária que era realizada de forma concomitante ao avanço das tropas revolucionárias. A estratégia militar dos rebeldes se mostrou eficiente com a divisão em colunas: a de Fidel, de Raúl, de Camilo e de Che. Coube a esses últimos dois revolucionários o avanço para a região central do país, tomando a província de Las Villas e sua capital, Santa Clara, em dezembro de 1958.

No último dia do ano de 1958, Fulgêncio Batista, na iminência da derrota para os guerrilheiros e já sem o apoio dos EUA, fugiu para a República Dominicana. O Ano Novo talvez nunca tenha sido tão representativo do desejo de mudanças como foi aquele 01 de janeiro de 1959. A população saiu às ruas e saudou os guerrilheiros. Fidel Castro realizou seu primeiro discurso como líder da Revolução em Santiago de Cuba, no dia 2 de janeiro. E tomou o rumo da capital.

No dia 8 de janeiro, Fidel Castro chegou a Havana. Diante de uma multidão sem registros anteriores na História de Cuba, Castro realizou seu primeiro discurso na capital. Durante o discurso de Fidel Castro pousou sobre seu ombro uma pomba. A perspectiva que tinham os cubanos de 1959 sobre o símbolo que a pomba representa era muito otimista. Richard Gott aponta que:

para os crentes da *Santería*, pombas são símbolos de Obatalá, o Filho de Deus, um deus que modela o corpo humano e governa a mente, os pensamentos e os sonhos de todos. As pombas pousadas nos ombros de Castro foram percebidas pelos crentes como um sinal de que ele havia sido escolhido pelos deuses da *Santería* para guiar e proteger o seu povo... (Gott, 2006: 386).

A Revolução era vista, assim, como abençoada. As primeiras leis revolucionárias são promulgadas. São criados ministérios de importante função social, como o Ministério da Recuperação de Bens Malversados, Ministério do Bem-Estar Social, Ministério da Habitação, que cortou os aluguéis pela metade; além disso, em 17 de maio era promulgada a Lei que criava o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA).

Embora não haja um caráter radical na lei de Reforma Agrária, houve dissensões importantes no governo cubano. Os setores mais moderados, representados por Manuel Urrutia, bem como os Estados Unidos, se opõem a lei de reforma agrária.<sup>6</sup> Fidel Castro articula sua renúncia ao cargo de primeiro-ministro na tentativa de inviabilizar o conselho de

---

<sup>6</sup> A visão que se tinha nos Estados Unidos sobre o processo revolucionário cubano, em especial nos anos de 1958 a 1960, pode ser encontrada no trabalho de Bruno Biazetto (Biazetto, 2008: 19-38).

ministros e enfraquecer o presidente.<sup>7</sup> Obtém sucesso e Urrutia renuncia em 16 de julho, sendo escolhido novo presidente de Cuba Oswaldo Dorticós Torrado, que permanecerá no cargo até o ano de 1976.

No segundo ano da Revolução, 1960, é firmado acordo comercial com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A principal medida comercial será a troca de açúcar por petróleo. Porém, o governo cubano não detinha refinarias e precisou solicitar o serviço das empresas estrangeiras – Texaco, Standart Oil e Shell. Houve pressões dos Estados Unidos no sentido de que as empresas não refinassem o petróleo soviético e o governo cubano encampou as refinarias, além de ter encampado a empresa de telefonia e de energia elétrica e os bancos estadunidenses. Como forma de retaliação, os EUA, em julho, cortaram a compra de açúcar da ilha em 95% e romperam relações diplomáticas em janeiro de 1961. A Guerra Fria passava a ser uma realidade concreta na América Latina.

De acordo com o calendário da Revolução, 1961 era o ano da Educação. Nesse ano, os estudantes tiveram licença das escolas e foram aos vilarejos mais longínquos, dentro da campanha de alfabetização que a Revolução organizara. Cuba, até então, tinha elevado índice de analfabetismo: 40% de sua população não sabia nem ler nem escrever. Com os esforços protagonizados pelos 100 mil estudantes-professores, ao final de 1961 o índice de analfabetismo em Cuba era de 3,9%, o mais baixo de toda a América Latina. Bases militares, como o anexo de *Camp Colúmbia* em Marianao, subúrbio de Havana, foram transformadas em escolas.<sup>8</sup> Foram construídas mais de três mil escolas, no período de 1959 a 1961. Richard Gott afirma que, “como prometera Castro, a Revolução aboliu o analfabetismo em um ano. A campanha foi um de seus maiores triunfos” (Gott, 2006: 217).

No entanto, muitas vezes esses dados ficam obscurecidos em razão de outros acontecimentos daquele ano e de seus desdobramentos ocorridos em 1962. Em abril de 1961, no dia 13, houve um incêndio provocado por contra-revolucionários na loja *El Encanto*, no centro de Havana. Uma trabalhadora foi morta e houve diversos feridos. No dia 15, aviões que partiram da Nicarágua – financiados pelos EUA – bombardearam o aeroporto de Santiago de Cuba e mais dois campos de pouso na capital: morreram sete pessoas e houve 53 feridos. O objetivo era avariar a Força Aérea Cubana, pois no dia 17 mais de 1500 homens treinados pela CIA invadiram Praia Girón, na Baía dos Porcos. A resistência se deu pelas milícias formadas por Guevara e comandadas por Fidel Castro – Che, nesse momento, ficou em Havana, para preservar a segurança da capital. As forças cubanas foram vitoriosas e foi nessa conjuntura que Castro declarou pela primeira vez o caráter socialista da Revolução, em 16 de abril, quando, já informado dos planos da CIA, acusava os EUA da responsabilidade dos atentados no país.

A mal-sucedida invasão da Baía dos Porcos, em abril de 1961, tornou o governo cubano de Fidel Castro uma verdadeira obsessão para o presidente John Fitzgerald Kennedy. A versão dominante do evento alega que Kennedy recebeu a missão de seu antecessor, Dwight Eisenhower, sem ter tido tempo para poder realizar qualquer ação de cancelamento.

---

<sup>7</sup> Fidel Castro assume o cargo de primeiro-ministro, em substituição à José Miró Cardona, em meados de fevereiro de 1959, quando a Constituição de 1940 é alterada, permitindo que alguém com idade inferior a 35 anos possa exercer o cargo. Castro contava, então, com 32 anos (Máo Júnior, 2007: 323).

<sup>8</sup> Além da questão material que isso significa, propiciando novos espaços de alfabetização, simbolicamente essa ação se opunha radicalmente a medidas franquistas durante a Guerra Civil Espanhola, quando escolas foram transformadas em quartéis (Quinsani, 2014: 80).

Todavía, Seymour Hersh aponta que John Kennedy já tinha conhecimento do plano de invasão a Cuba desde antes de ter sido eleito (Hersh, 1998: 220), e suas hesitações tiveram como razão o medo de tornarem-se públicas as atitudes de seu governo no patrocínio da invasão. Frente sua hesitação em enviar um segundo ataque aéreo a Cuba – que o denunciaria pela identificação dos aviões – o governo cubano conseguiu dominar a situação e ainda fez 1200 invasores de prisioneiros.<sup>9</sup>

A invasão da Baía dos Porcos foi a primeira derrota política na vida de John Kennedy e ele quis vingar-se – mas não dos conselheiros e órgãos do governo que, como dissera a todo mundo, o haviam enganado. Seu alvo era Fidel Castro, e passou o resto de seus dias no cargo determinado a fazer com que Fidel pagasse – de preferência com a vida – por ter manchado a honra dos Kennedy. (Hersh, 1998: 229).

Passados alguns meses, o procurador geral dos Estados Unidos, Robert Kennedy, apresentou a seu irmão John uma proposta de formar um grupo altamente secreto para destruir a revolução cubana. Em 03 de novembro de 1961, o presidente John Kennedy deu a autorização para seu irmão Robert iniciar a Operação Mangusto, sob sua supervisão direta (Diez Acosta, 2002: 63).<sup>10</sup> Michael Dobbs, afirma que no quadro dessa operação “os Kennedy tinham tentado, por todos os meios ao seu alcance, se vingar de Castro, faltando pouco para ordenar uma invasão total da ilha” (Dobbs, 2009: 24).

A Operação Mangusto contava com um cronograma, elaborado pelo seu chefe executivo, o brigadeiro da Aeronáutica Edward Lansdale:

Fase I. Ação, março de 1962. Começar a penetração.

Fase II. Intensificação, abril-julho de 1962. Ativação das operações necessárias dentro de Cuba para a revolução e, simultaneamente, aplicação do apoio essencial de tipo político, econômico e militar, de fora de Cuba.

Fase III. Prontidão, 1 de agosto de 1962. Checar decisão final das políticas de execução.

Fase IV. Resistência, agosto-setembro de 1962. Passar a operações de guerrilha.

Fase V. Rebelião, duas primeiras semanas de outubro de 1962. Rebelião generalizada e derrubada do regime comunista.

Fase VI. Final, durante o mês de outubro de 1962. Instituição do novo governo. (Dobbs, 2009: 26).

O objetivo final da Operação Mangusto era a derrubada do governo cubano em outubro de 1962. Richard Gott afirma que 400 funcionários da CIA trabalhavam no planejamento dessa ação em Washington e Miami (Gott, 2006: 223). Desse modo, era impossível manter segredo sobre a operação que, em praticamente um ano de existência, não tinha obtido êxito.

---

<sup>9</sup> Posteriormente, após o natal do ano de 1962, o governo Kennedy negociou a libertação desses prisioneiros com o governo cubano.

<sup>10</sup> De acordo com Tim Weiner, “em novembro de 1961, em sigilo total, John e Bobby Kennedy criaram uma nova célula de planejamento de ações secretas: o Grupo Especial Ampliado. Era a unidade de RFK, e tinha uma missão: eliminar Castro” (Weiner, 2008: 210).

Pouco menos de dois meses antes da Operação Mangusto entrar em funcionamento, no Brasil, o presidente João Goulart, após o movimento da Legalidade, tomou posse em um novo regime político: o parlamentarismo. De caráter híbrido, mantinha uma divisão artificial de poder entre o presidente e o Conselho de Ministros:

O hibridismo do sistema abria espaço tanto para práticas predominantemente parlamentaristas, quanto para procedimentos fortemente presidencialistas. Desta maneira, a definição das prerrogativas do presidente da República seria uma questão mais subordinada às práticas e à experiência, do que aos aspectos teóricos do novo sistema. [...] Os poderes do presidente tinham uma dupla consequência: permitiam que Goulart se utilizasse de suas prerrogativas para combater o parlamentarismo, e faziam com que os ministros se considerassem co-partícipes, e não os principais expoentes, do Poder Executivo. (Almeida, 1998: 107).

### **O Brasil no olho do furacão**

O primeiro gabinete foi presidido por Tancredo Neves, membro do Partido Social Democrático (PSD). Esse ministério, conhecido como Gabinete da União Nacional ou Gabinete da Conciliação Nacional, foi o mais longo na curta experiência parlamentarista na República brasileira: teve início 07 de setembro de 1961 e extinguiu no dia 26 de junho de 1962.

Nesse ministério, a pasta das Relações Exteriores ficara a cargo de San Tiago Dantas, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Sob sua gestão, o ministério das Relações Exteriores<sup>11</sup> procurava se informar em profundidade a respeito da visita do Chanceler Adam Rapacki, da Polônia, a Cuba, realizada de 11 a 16 de junho de 1962.<sup>12</sup> Assim, solicitou ao diplomata brasileiro em Havana, José Maria Diniz Ruiz de Gamboa, em função de seu acesso a “fonte governamental, que já provou sua seriedade em outras ocasiões” que procurasse descobrir a motivação daquele encontro diplomático. Ruiz de Gamboa, através de seu contato secreto dentro do governo cubano, esclareceu ao Itamaraty que o objetivo principal da visita do Chanceler Rapacki foi “limar as asperezas existentes nas relações entre Cuba e URSS”.<sup>13</sup>

O diplomata brasileiro obteve a informação de que Fidel Castro não estava, ultimamente, satisfeito com o embaixador da URSS, Sergei Kudryavtsev, em razão de seu “‘escalantismo’, ou seja, tendência a apoiar a política dos velhos militantes do partido comunista cubano e aos constantes comentários que fazia sobre a desorganização reinante em Cuba”,<sup>14</sup> a tal ponto que sequer fora noticiado pela imprensa cubana o retorno do embaixador

---

<sup>11</sup> Praticamente todas as fontes primárias utilizadas nesse texto se encontram no Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores (AHMRE) – localizado na capital do Brasil, Brasília, junto ao Itamaraty.

<sup>12</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 222. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Havana. Data: 07 de junho de 1962. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores, Palácio do Itamaraty, Brasília/ DF, doravante, AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>13</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 242. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Havana. Data: 03 de julho de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>14</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 242. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Havana. Data: 03 de julho de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF. Aníbal Escalante fazia parte dos quadros do Partido Comunista Cubano desde a década de 1930. No início da década de 60, era o responsável pela criação de um novo partido comunista que deveria ser realizado “à imagem soviética” (Gott, 2006: 226-227).

soviético para a URSS. Além disso, Ruiz de Gamboa utilizou como termômetro do desprestígio de Kudryavtsev a ausência de Ernesto Che Guevara “que infalivelmente comparece ao aeroporto para receber e despedir-se de todas as personalidades e subpersonalidades do mundo comunista”.<sup>15</sup> E foi nessa conjuntura que embarcou, para Moscou, o ministro das Forças Armadas, Raul Castro, na companhia de alguns oficiais do exército cubano, de acordo com Ruiz de Gamboa, “atendendo ao convite do ministro da Defesa da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas”.<sup>16</sup>

Em Moscou, Raul Castro e seus auxiliares se encontraram com Rodion Malinovsky, o ministro da Defesa da URSS. Nessa reunião, entabularam discussões a respeito da ajuda militar para Cuba. Raul Castro ficou por duas semanas na União Soviética, tendo ainda se encontrado com Nikita Krushev. O que o diplomata brasileiro não sabia é que nessas reuniões estavam sendo decididos os preparativos para o envio dos mísseis nucleares para Cuba. Era o início da Operação Anadyr (Diez Acosta, 2002: 97-99; Szulc, 1987: 680; Dobbs, 2009: 42).<sup>17</sup>

Surpreendentemente, no entanto, foi o fato do Chanceler polonês ter discutido com o governo cubano a respeito do Brasil! Ruiz de Gamboa soube, através do Embaixador da Iugoslávia, “que sempre anda muitíssimo bem informado” que Adam Rapacki deu conselhos de moderação ao governo cubano de forma geral e, de forma particular, “recomendou a líderes deste país que não pensassem em pregar a revolução para o Brasil, fazendo notar que uma isenção total nos assuntos brasileiros produziria mais benefício para o regime cubano”.<sup>18</sup>

Desse modo, o Chanceler da Polônia sugeria, com clareza, que Cuba deixasse a Segunda Declaração de Havana sem efeito, através de “longa exposição aos líderes cubanos sobre coexistência pacífica, considerada como estratégia da política externa dos países socialistas”.<sup>19</sup> No entanto, isso parece não ter agradado ao governo cubano, pois esses conselhos foram percebidos como intromissão nos assuntos internos de Cuba:

Nas altas esferas do governo revolucionário, Rapacki parece ter deixado a impressão de um intrometido com vezo de catedrático, “a dar lição que ninguém pediu”; a reação absurda, mas tipicamente cubana, que traduziu açodadamente o pensamento dos que imaginam Cuba como fulcro de movimento revolucionário continental e não se conformam ante as recomendações que contrariam essa tendência.<sup>20</sup>

---

<sup>15</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 242. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Havana. Data: 03 de julho de 1962. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>16</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 243. Assunto: Visita de Raul Castro a Moscou. Data: 04 de julho de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF. Nesse mesmo telegrama, Ruiz de Gamboa pede ao MRE para que lhe retransmita as notícias que a Embaixada de Moscou possa dar sobre o motivo da viagem, desconhecido para ele.

<sup>17</sup> Diez Acosta explica que a operação teve esse nome para confundir a inteligência estadunidense, pois Anadyr é uma região da Sibéria.

<sup>18</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 242. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Havana. Data: 03 de julho de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>19</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Varsóvia. Num. 87. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Cuba. Data: 06 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>20</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Varsóvia. Num. 87. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Cuba. Data: 06 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Em que pese isso possa ter sido um pedido de Krushev – e embora não tenhamos a documentação que comprove isso, seja muito possível que essa tenha sido a razão dos aconselhamentos de moderação ao governo de Cuba e que estariam em acordo com a Declaração do XX Congresso do Partido Comunista da URSS no que concerne a coexistência pacífica<sup>21</sup> – também existe a possibilidade de que essa intervenção de Rapacki tenha origem em um pedido feito pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil, Francisco San Tiago Dantas que, recentemente, esteve na Polônia e, inclusive, emitiu um Comunicado Conjunto Brasil-Polônia.

O ministro San Tiago Dantas esteve na Polônia, em missão oficial, a convite do governo polonês, de 14 a 17 de maio, tendo sido recebido pelo presidente do Conselho de Estado Aleksander Zawadzki, primeiro-ministro Josef Cyrankiewicz e pelo Chanceler Adam Rapacki – além de ter se encontrado também com Władysław Gomułka.<sup>22</sup> Cumpria retribuir a visita realizada por Adam Rapacki ao Brasil no ano de 1961. Naquela ocasião, o ministro das Relações Exteriores da Polônia foi recebido no Rio de Janeiro pelo presidente Goulart, o primeiro-ministro Tancredo Neves e pelo ministro San Tiago Dantas, entre os dias 10 e 22 de outubro.<sup>23</sup>

Datado de 17 de maio, o Comunicado Conjunto Brasil- Polônia, como é de praxe nesse tipo de manifestação diplomática, expressou que os dois governos têm a intenção de estreitar suas relações de amizade. Além disso, como também é muito comum nesse tipo de declaração, divulgaram que as conversações estiveram relacionadas com a conjuntura internacional e objetivavam a cooperação entre os países, nos âmbitos culturais e econômicos.

É importante destacar – sem, no entanto, perder de vista as relações econômicas entre os países – a ênfase dada pelos dois Chanceleres sobre a política internacional daquele momento:

Concordamos que as relações de coexistência e cooperação entre Estados podem e devem basear-se no respeito ao sistema social, ideológico, político e econômico de cada um deles e no mais amplo desenvolvimento da cooperação internacional, observando os seguintes princípios: respeito à soberania e a não-intervenção nos negócios internos dos Estados; extinção do colonialismo sob todas as suas formas; solução das divergências através das negociações e dos meios pacíficos.<sup>24</sup>

Os princípios mais importantes da Política Externa Independente estavam expressos na declaração, a saber, o respeito à soberania – equivalente ao respeito a autodeterminação – e à não-intervenção (Domingos, 2010: 34-37). Além disso, enalteciam o caráter permanente da busca pela paz como objetivo de ambas políticas externas.

---

<sup>21</sup> A Declaração do XX Congresso do Partido Comunista da URSS aconteceu em 1956. Foi nessa famosa declaração que Krushev, para uma seleta plateia de líderes soviéticos, realizou a denúncia dos crimes de Stálin – além, é claro, da noção da coexistência pacífica (Hobsbawm, 2003: 239).

<sup>22</sup> Relatório do MRE para o ano de 1961. Apresentado ao Excelentíssimo Senhor Doutor João Belchior Marques Goulart, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, pelo Senhor Francisco Clementino San Tiago Dantas, Ministro das Relações Exteriores, p. 54-55. ARQUIVO SAN TIAGO DANTAS (AP47), Caixa 33, pacotilha 1. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro/ RJ.

<sup>23</sup> Comunicado Conjunto Brasil-Polônia. Varsóvia, 17 de maio de 1962. ARQUIVO SAN TIAGO DANTAS (AP47), Caixa 42, pacotilha 1. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro/ RJ.

<sup>24</sup> Comunicado Conjunto Brasil-Polônia. Varsóvia, 17 de maio de 1962. ARQUIVO SAN TIAGO DANTAS (AP47), Caixa 42, pacotilha 1. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro/ RJ.

Os dois governos viam na busca pela paz uma possibilidade de desenvolvimento econômico-social dos povos, ao planejarem destinar os recursos utilizados nas armas nucleares para o estímulo a industrialização das economias dependentes:

Os dois Ministros convieram ser necessário e realizável o desarmamento completo e geral, sob controle eficaz, para assegurar a preservação da paz. Os progressos conseguidos no campo do desarmamento devem assegurar a multiplicação dos recursos destinados a acelerar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos<sup>25</sup>.

O interesse do governo brasileiro a respeito da visita de Adam Rapacki a Cuba deve ser entendido nesse contexto. E a deferência especial realizada ao Brasil pelo Chanceler polonês no encontro com os mais altos representantes do governo cubano também. Afinal, além de se estar iniciando esse estreitamento de relações entre o Brasil e um país socialista europeu – e por isso mesmo não ser do desejo da Polônia que esse governo seja desestabilizado por iniciativas revolucionárias cubanas – o Brasil era um dos poucos países das Américas a manter relações diplomáticas com Cuba, e não seria interessante para o governo de Fidel Castro perder esse parceiro que contava com prestígio no continente.

A visita do Chanceler Adam Rapacki, da Polônia, a Cuba se deu de 11 a 16 de junho, como visto anteriormente. Foi um fato tão importante para a diplomacia brasileira, que suas repercussões alcançaram o mês de agosto em suas comunicações entre as embaixadas. Visando ao conhecimento do representante brasileiro em Moscou, Vasco Leitão da Cunha, retransmitiu telegrama recebido de Havana para o posto diplomático do Brasil na URSS.<sup>26</sup>

Nessa mensagem, o Itamaraty dava ao conhecimento do embaixador Leitão da Cunha que já era sabido pelos meios diplomáticos presentes na ilha de Cuba que as relações entre aquele país e a URSS não iam bem. E que a causa era a excessiva interferência do ex-embaixador soviético Sergei Kudryavtsev nos assuntos cubanos e que era corrente em Cuba o comentário de que “sua atitude [de Kudryavtsev] contava, porém, com a aprovação de Moscou, já que ao regressar a seu país não foi punido, e sim colocado como segundo chefe do ministério das Relações Exteriores”.<sup>27</sup>

Além de apoiar os velhos membros do PSP (formados pelos comunistas cubanos)<sup>28</sup> e de criticar a organização do país, o diplomata brasileiro em Havana supunha que “entre os conselhos mais repetidos aqui por Kudryavtsev estaria o abrandamento da política cubana para a América Latina, que vem prejudicando os objetivos mais amplos perseguidos pelos

---

<sup>25</sup> Comunicado Conjunto Brasil-Polônia. Varsóvia, 17 de maio de 1962. ARQUIVO SAN TIAGO DANTAS (AP47), Caixa 42, pacotilha 1. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro/ RJ.

<sup>26</sup> O ministério das Relações Exteriores já não era mais ocupado por San Tiago Dantas. Composto o gabinete Brochado da Rocha, Afonso Arinos de Melo Franco desempenhou as funções de ministro das Relações Exteriores no período compreendido entre 10 de julho e 14 de setembro de 1962.

<sup>27</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Moscou. Num. 91. SECRETO. Assunto: Relações Cuba-URSS. Data: 08 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>28</sup> O PSP deixou de existir em março de 1962, quando foi fundido com o M-26 e o Diretório Revolucionário dando origem a Organização Revolucionária Integrada (ORI). Em 1963, a ORI foi transformada em Partido Unido da Revolução Socialista Cubana (Purs) para apenas em 1965, quando as relações com a URSS já tinham se tornado muito estreitas, voltar a usar o nome de Partido Comunista Cubano (Gott, 2006: 389).

soviéticos neste Continente”,<sup>29</sup> algo que certamente não era do agrado dos membros do governo cubano. No mesmo documento, o representante brasileiro em Havana afirmava – e o Itamaraty deixava o representante do país a par em Moscou – que os soviéticos não estavam felizes com as tentativas de Fidel Castro para desarticular o PSP, com o objetivo de levar a Segunda Declaração de Havana adiante.

Além disso, os soviéticos estariam descontentes com a “desorganização reinante no país” que ampliava os custos que a URSS tinha de arcar no auxílio de Cuba, e concluía que “todas essas questões devem ter pesado na negativa soviética de ampliar a ajuda econômica e militar pedida por Raul Castro”,<sup>30</sup> que haveria sido tratado com grande frieza pelos soviéticos em Moscou. Em razão disso, Raul Castro teria voltado diretamente para Havana, cancelando visitas que seriam feitas para outros quatro países socialistas em sinal de seu descontentamento com o bloco comunista. Nesse ponto, o governo brasileiro não podia estar mais errado!

Escapava ao alcance da diplomacia brasileira, como de certo a todas demais embaixadas em Cuba naquele momento, o real alcance da missão empreendida por Raul Castro na URSS. Por não ter havido nenhuma divulgação em Cuba a respeito dos resultados da missão de Raul na URSS, tampouco nenhum comunicado conjunto tenha sido emitido, o representante do Brasil produziu uma informação para o Itamaraty, e que foi posteriormente enviada pra a URSS, que era exatamente o oposto da realidade. E que se encaixava perfeitamente bem nas intenções de Kruschchev, que não queria publicidade para o acordo que dava início a Operação Anadyr, ao contrário de Fidel Castro (Diez Acosta, 2002: 125-132). Por fim, ou entendendo mal o significado real das palavras de Fidel Castro, ou Fidel Castro tendo deliberadamente tentado ocultar a realidade, o diplomata brasileiro divulgou que “Fidel Castro advertiu, no dia 26, que a ‘única solução a nossas necessidades é o nosso trabalho’”, interpretando essa alocação como um importante sinal do distanciamento da URSS de Cuba.<sup>31</sup>

Jose Maria Diniz Ruiz de Gamboa, logo que soube da indicação do novo embaixador da URSS em Cuba, tratou de informar ao ministério das Relações Exteriores do Brasil. Aparentemente desconhecendo o fato de que Alexandre Alexeev era um agente da KGB (Khruchchev, 1991: 223; Gott, 2006: 209), o representante brasileiro comunicava que o novo embaixador soviético já estava em solo cubano nos últimos dois anos, desempenhando a função de Conselheiro da Embaixada Soviética. Também era informado ao Itamaraty que Alexeev tinha ido para Moscou logo após o afastamento de Kudryavtsev. E, acertadamente, notificava ao governo brasileiro que a impressão geral nos corpos diplomáticos em Havana era que sua designação era uma forma de agradar a Fidel Castro, dado terem o primeiro-ministro cubano e Alexandre Alexeev muito boas relações.<sup>32</sup>

Já em fins de agosto, o governo brasileiro preocupava-se com o apoio soviético a Cuba. O Itamaraty, sob o comando de Afonso Arinos, solicitava que a embaixada em Havana se

<sup>29</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Moscou. Num. 91. SECRETO. Assunto: Relações Cuba-URSS. Data: 08 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>30</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Moscou. Num. 91. SECRETO. Assunto: Relações Cuba-URSS. Data: 08 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>31</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Moscou. Num. 91. SECRETO. Assunto: Relações Cuba-URSS. Data: 08 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>32</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 274. Assunto: Novo Embaixador Soviético em Havana. Data: 15 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

informasse a respeito da “entrada em Cuba de cinco mil técnicos militares soviéticos e sete mil peritos industriais dos países da Cortina”. Porém, pela longa vivência diplomática de Arinos no exterior, o que mais lhe preocupava era a informação de que “russos estariam estabelecendo uma base para lançamento de projéteis, bem como mantendo uma estação para contato com cosmonautas”.<sup>33</sup>

Prontamente, o embaixador brasileiro em Cuba, Luis Leivas Bastian Pinto, atendeu a solicitação do Itamaraty. Alegava que em Cuba também ocorriam muitas versões a respeito da finalidade do ingresso dos soviéticos no país, os quais ele, sem reservas, classifica de “soldados comunistas”. No entanto, para Bastian Pinto, mesmo que recentemente tenha aumentado muito o número de técnicos tido como militares soviéticos, “minha impressão atual é de que não tem fundamento” as notícias ou mesmo boatos a respeito da “construção de bases para lançamentos de foguetes”.<sup>34</sup>

O embaixador comunica ao ministério brasileiro, de forma enfática, que “as cifras mencionadas pela imprensa estrangeira são, sem dúvida, exageradas” e procura tranquilizar o Itamaraty, alertando que, recentemente, o governo cubano anunciou, de forma oficial, que são esperados mais de mil técnicos soviéticos que virão para o país em breve. Para Bastian Pinto, esse reforço humano enviado pela URSS é uma forma, também, de propaganda com que o governo de Castro conta para confortar aos cubanos que tem vivido em estado de penúria. Mas não passa despercebido pelo diplomata que, junto com a ajuda técnica soviética, tem sido enviado muito equipamento militar. Porém, novamente em tom bastante enfático, afirma que “uma estação para contacto com os cosmonautas pode existir e passar despercebida, mas estou bastante seguro de que não há base de lançamento de projéteis; nada consta aqui sobre uma ou outra”.<sup>35</sup>

Sem saber, com certeza, a origem e a razão do recente auxílio soviético, o embaixador em Cuba, de forma mais humilde, avanta a possibilidade do motivo dessa ajuda estar relacionado com o “reconhecimento da incapacidade dos revolucionários para administrar razoavelmente o país (...) sobre isso estou procurando formar uma opinião mais segura a fim de transmiti-la a Vossa Excelência”.<sup>36</sup>

Porém, o governo brasileiro não estava satisfeito com as informações recebidas da embaixada em Cuba a respeito dos militares soviéticos e da possível instalação de bases de foguetes naquele país. Estava à procura de mais – e melhores – informações a esse respeito. Por essa razão, resolveu enviar cópia do telegrama recebido de Bastian Pinto para Leitão da Cunha, como um sinal de alerta sobre o que estava acontecendo em Cuba.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Havana. Num. 139. Assunto: Situação de Cuba. Data: 29 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>34</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 286. SECRETO. Assunto: Situação política de Cuba. Data: 31 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>35</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 286. SECRETO. Assunto: Situação política de Cuba. Data: 31 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>36</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 286. SECRETO. Assunto: Situação política de Cuba. Data: 31 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>37</sup> Despacho telegráfico para a Embaixada em Moscou. Num. 110. SECRETO. Assunto: Situação política de Cuba. Data: 02 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

### **O continente em alerta: a OEA como palco da política estadunidense**

Em 04 de setembro, Kennedy concede uma entrevista advertindo Krushev a respeito dos armamentos em Cuba. Era cada vez mais público o aumento do apoio soviético à República de Cuba. Aumentava, inclusive, a preocupação dentro da Organização dos Estados Americanos (OEA), incitada pelos Estados Unidos. Em razão disso, Afonso Arinos faz emitir comunicação, diretamente ao embaixador do Brasil naquele fórum Ilmar Penna Marinho, o informando que o embaixador Lincoln Gordon o avisou que o representante estadunidense na Comissão Consultiva de Segurança da OEA apresentará um pedido para que seja elaborado pela comissão “um estudo sobre a infiltração comunista e a influência de técnicos e militares do bloco oriental em Cuba e suas possíveis implicações com as campanhas de subversão em países americanos”.<sup>38</sup>

Evidentemente, os Estados Unidos não queriam apenas informar ao Brasil de suas ações na OEA. Afonso Arinos expressa a Penna Marinho que Lincoln Gordon “estimaria” que o representante estadunidense “pudesse ser acompanhado por outros representantes na solicitação que formulará”.<sup>39</sup> Todavia, não emite nenhuma instrução a Penna Marinho a esse respeito, antes pelo contrário, solicita a opinião do embaixador na OEA sobre o assunto, com especial atenção “sobre os objetivos que estariam sendo visados pelos Estados Unidos da América com sua proposta”.<sup>40</sup>

Os acontecimentos em Cuba estavam deixando o continente em alerta. Se inicialmente era alvo de comentários nas embaixadas diplomáticas de Havana, agora a situação ameaçava tornar-se institucional, em razão do pedido dos EUA na Comissão Consultiva de Segurança da OEA. Assim como fez em relação a embaixada em Moscou, o Itamaraty enviou o mesmo telegrama procedente de Havana, no qual se informava a respeito do número de soviéticos em Cuba e das suspeitas de instalações de bases para o lançamento de foguetes, para seu representante na Organização dos Estados Americanos.<sup>41</sup> Era necessário grande atenção a esse respeito, em virtude das proporções que poderia tomar, principalmente em função, pensavam os representantes brasileiros, das respostas que os EUA estivessem inclinados a dar.

A opinião do representante brasileiro na OEA, Ilmar Penna Marinho, não demorou a vir. Um dia após ser instado por Afonso Arinos, Penna Marinho enviou um longo telegrama com informações preciosas acerca dos objetivos mais prementes dos EUA em relação a situação em Cuba.<sup>42</sup> Se reportou a um encontro realizado por Dean Rusk, o secretário do departamento de Estado dos EUA, com os representantes dos países latino-americanos junto à

---

<sup>38</sup> Despacho telegráfico para a Delegação do Brasil junto à Organização dos Estados Americanos, doravante, OEA. Num. 196. CONFIDENCIAL. Assunto: Comissão Consultiva de Segurança. Infiltração comunista nas Américas. Data: 05 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>39</sup> Despacho telegráfico para a Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 196. CONFIDENCIAL. Assunto: Comissão Consultiva de Segurança. Infiltração comunista nas Américas. Data: 05 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>40</sup> Despacho telegráfico para a Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 196. CONFIDENCIAL. Assunto: Comissão Consultiva de Segurança. Infiltração comunista nas Américas. Data: 05 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>41</sup> Despacho telegráfico para a Delegação do Brasil junto à OEA. Carta-telegrama Num. 59. SECRETO. Assunto: Situação política em Cuba. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>42</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

OEA, no qual desejar comentar a declaração do presidente Kennedy realizada dia 4. De acordo com Penna Marinho, Dean Rusk procurou tranquilizar os embaixadores presentes ao encontro, minimizando o perigo que o material militar enviado pela URSS poderia representar para os Estados Unidos e para os demais países do continente.

O secretário do departamento de Estado dos EUA afirmou “ser material de caráter exclusivamente defensivo”, na mesma linha do discurso pronunciado por Kennedy, “com alcance reduzido dos foguetes (de 15 a 25 milhas) e também com característica de armas antiaéreas e de defesa naval”. Com essas informações, Penna Marinho tornava, para o governo brasileiro, oficial que havia foguetes em Cuba, embora de caráter defensivo. O embaixador brasileiro na OEA ainda frisou que Rusk “ressaltou estar informado que até o presente momento não haviam sido entregues armas de caráter ofensivo”.<sup>43</sup>

Ainda dentro do espírito de tranquilizar os embaixadores dos países pertencentes a OEA, Dean Rusk fez questão de esclarecer, conforme o relato de Penna Marinho, que se Cuba viesse a receber armas de caráter ofensivo e as utilizasse contra qualquer país do continente, “os Estados Unidos tomariam ‘as medidas necessárias.’”<sup>44</sup> Porém, nem Rusk esclareceu, nem Penna Marinho explicou ao Itamaraty, quais seriam as “medidas necessárias”. Se trataria de uma invasão a Cuba? Seria a destruição das armas soviéticas instaladas naquele país? O governo brasileiro, que já andava preocupado com a situação, dado o número de consultas as suas embaixadas no exterior, certamente não correspondeu ao objetivo de Rusk, quer seja, de ficar tranquilo.

Além de “tranquilizar” os países membros da OEA, o encontro com Rusk também serviu para que os EUA insinuassem que poderiam convocar a Comissão Consultiva de Segurança – sobre isso, o governo brasileiro já estava prevenido, a partir do encontro de Gordon com Arinos. O objetivo dessa convocação seria “considerar o problema do treinamento de elementos latino-americanos em técnicas de propagandas subversivas levadas a efeito por Cuba”.<sup>45</sup>

Mas o real objetivo do encontro só foi revelado durante o seu decorrer. O secretário de Estado dos EUA sugeriu que fosse realizada uma “reunião informal de ministros do exterior do hemisfério” em Nova York, quando da abertura da XVII Assembleia Geral da ONU em 20 de setembro, “para apreciar desenvolvimentos recentes da questão e chegar, pelo menos em princípio, a uma conclusão sobre medidas a tomar”.<sup>46</sup> Ora, era sabido por todos que os EUA contavam com largo apoio na OEA para aprovar o que fosse de seu interesse. Em se tratando de Cuba, essa situação era ainda mais confortável para a diplomacia estadunidense, em razão

---

<sup>43</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>44</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>45</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>46</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

de serem poucos os países naquele momento a ainda estabelecerem relações diplomáticas com a República de Cuba.

Insistindo que a reunião seria informal, o representante dos EUA afirmava que a razão para o encontro estava ligada diretamente ao interesse em saber a reação de seus colegas frente aos seguintes pontos de discussão: “situação de Cuba; admissão de novos membros na OEA; regimes provenientes de golpe de Estado; XI Conferência Interamericana; e, eventualmente, situação de Berlim ou outra qualquer de grande interesse no cenário mundial.”<sup>47</sup>

Não constituía segredo para ninguém, muito menos para o Itamaraty, que a preocupação central desse encontro informal era o seu ponto primeiro: a situação de Cuba. Os outros tópicos não apresentavam a mesma dimensão de polêmica, afinal qual a razão de ser contra novos membros da OEA se a configuração atual já era plena e absolutamente favorável aos interesses dos EUA, não gerando nenhuma oposição ao seu domínio novos ingressos, mesmo que se colocassem em uma posição de contestação a hegemonia estadunidense no órgão? Que países se colocariam favoráveis a golpes de Estado, quando as vítimas seriam os governos representados pelos diplomatas em questão? O que de polêmico poderia haver sobre a Conferência Interamericana naquele momento? O que poderiam fazer os países latino-americanos em relação a situação de Berlim?<sup>48</sup> O grande propósito da reunião informal só poderia ser um: o governo cubano, como o próprio Penna Marinho expressou:

Como adiantei a Vossa Excelência, continuam autoridades norte-americanas preocupadas em reduzir a importância dos recentes acontecimentos em Cuba com propósito evidente, a meu ver de guardarem outras posições mais vantajosas no quadro da Guerra Fria. As declarações do senhor Rusk poderiam ser reduzidas as seguintes: não se assustem, não nos criem complicações porque não há perigo algum com auxílio soviético a Cuba. Estamos vigilantes e qualquer ameaça de agressão comunista ou castrista, interviremos com todas as nossas forças.<sup>49</sup>

Ou seja, não haveria espaço para nenhum tipo de agressão “comunista ou castrista” nas Américas. Os Estados Unidos, acima da OEA, não deixariam isso acontecer. Essa era a mesma declaração emitida por Kennedy, porém, agora a um público específico: os representantes dos países latino-americanos, portanto, os governos da América Latina estavam avisados e poderiam ficar tranquilos a respeito do que vinha acontecendo em Cuba, não precisariam mais dar atenção a rumores sobre a real importância do apoio militar soviético àquele país.

---

<sup>47</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>48</sup> Fazia pouco mais de um ano que fora construído o Muro de Berlim, cidade na qual havia quatro zonas de ocupação: uma estadunidense, uma soviética, uma inglesa e uma francesa. Como a cidade fazia parte da RDA, a Alemanha Oriental, essa não era uma situação confortável para Ulbricht, governante comunista daquele país, que continuamente pressionava Kruschchev para solucionar a questão de Berlim. A melhor análise sobre o problema berlinense é realizada por Frederick Kemp, que destaca os posicionamentos de Kruschchev, Kennedy, Ulbricht e Adenauer ao longo da crise (Kemp, 2013).

<sup>49</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Porém, a nosso ver, os Estados Unidos não estavam convencidos que tivessem tranquilizado os países da América Central. Para tanto, imaginavam que a reunião informal seria suficiente para acalmar aqueles países, que se sentiam, possivelmente com razão, muito indefesos frente a uma possível agressão militar cubana, principalmente pela pouca distância a que se encontravam e também pelas suas dimensões geográficas, que facilitariam invasões – e não podemos esquecer, também, que alguns desses países da América Central, como a Nicarágua e Guatemala, estiveram de alguma forma, mesmo indiretamente, envolvidos com o episódio da Baía dos Porcos e, por isso mesmo, temiam vingança por parte de Cuba.

Contudo, não houve boa repercussão entre os países representados na OEA a respeito da reunião informal, pois “vários delegados mostraram-se descontentes com a proposta de Rusk”<sup>50</sup> por entenderem que, para um assunto daquela dimensão, deveria ser chamada uma reunião formal, dentro do âmbito da Organização dos Estados Americanos. Penna Marinho encerra o telegrama fazendo uma análise sobre os interesses dos EUA a respeito da convocação da reunião informal dentro do quadro da Guerra Fria, concluindo que se Cuba vem recebendo o apoio militar soviético, isso se deve, fundamentalmente, a decisão patrocinada pelos Estados Unidos durante a VIII Reunião de Consulta no início do ano em Punta del Este.

Essa atitude dos Estados Unidos que pode parecer incompreensível se analisada do ângulo dos compromissos de ordem continental, afigura-se-me, porém, perfeitamente compreensível se examinada dentro do quadro mundial da Guerra Fria, onde os próprios Estados Unidos ao alijarem Cuba do sistema interamericano, colocaram irremediavelmente problema cubano. Norte-americanos estariam, pois, pagando primeiro tributo da falta de clarividência que demonstraram em Punta del Este<sup>51</sup>.

Face ao grande interesse do governo brasileiro sobre o que estava acontecendo em Cuba, o embaixador Luiz Leivas Bastian Pinto enviou suas impressões sobre a relação entre Cuba e União Soviética para o ministro Afonso Arinos, que na próxima semana faria o discurso de abertura da XVII Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), como mandava a tradição daquela instituição. Bastian Pinto expressou suas opiniões em três blocos, sendo o primeiro relacionado com o apoio soviético a Cuba, o segundo sobre as forças armadas cubanas e o terceiro sobre a situação política interna no país.<sup>52</sup>

Para Bastian Pinto, realmente, a ajuda soviética aumentou muito nos últimos meses, especialmente em bens de consumo, armamentos e no envio de técnicos civis e militares. Em seu julgamento, isso se dava pela incapacidade dos cubanos em reconstruir a economia do país, entregando grande parte dessa tarefa aos soviéticos. Para ele, embora até o momento não existam sinais conclusivos, essa dependência econômica acarretaria certamente, no futuro,

---

<sup>50</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>51</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>52</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 243. Assunto: Visita de Raul Castro a Moscou. Data: 04 de julho de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

maior influência política da URSS sobre Cuba.<sup>53</sup> Em sua avaliação, nada há que permita percebermos o papel que ele reserva aos EUA perante essa situação, ao contrário do que foi possível depreender do comunicado de Ilmar Penna Marinho.

O embaixador brasileiro em Cuba destacou que “as forças armadas cubanas melhoram, constantemente, em preparo e equipamentos”. E que, aparentemente, esse equipamento militar é “totalmente defensivo”. Bastian Pinto afirma que o governo cubano faz questão de demonstrar os armamentos que tem, tais como “lançadores múltiplos de foguetes antiaéreos e aviões de combate MIG supersônicos (...) e lanchas guarda-costa russos”. Sobre os pontos a quais já tinha sido questionado pelo Itamaraty, quer seja, os militares soviéticos e as bases de foguetes, o diplomata brasileiro escreve: “reitero a minha convicção de que não existem, aqui, tropas estrangeiras; não tenho nenhuma indicação positiva de que se estejam construindo rampas para o lançamento de projetis”.<sup>54</sup> E alega que o fortalecimento da defesa cubana não é nenhuma surpresa, pois faz parte do que Fidel Castro anunciara em dezembro de 1961.

Em relação a situação interna em Cuba, o embaixador brasileiro diz que praticamente não houve mudanças. O poder continua concentrado nas mãos de Fidel Castro, Raul Castro e de Che Guevara. Sobre a situação econômica, ele adverte que continua ruim, destacando a falta de alimentos e de bens de consumo, tanto duráveis quanto não-duráveis. Essa situação, de acordo com Bastian Pinto, produz descontentamento e alguns protestos isolados e colabora para uma “provável diminuição da popularidade de Fidel Castro, mas, ainda, não teve consequências políticas palpáveis”.<sup>55</sup> Por fim, alerta ao governo brasileiro que existe uma oposição interna ao governo revolucionário sob a forma de pequenos grupos esparsos de guerrilheiros, mas que eles não apresentam perigo para Fidel Castro. E que existe um forte emigração de cubanos desencantados com os revolucionários e que perdem o ânimo de combater o regime.

Bastian Pinto, desse modo, mantém a sua avaliação feita em fins de agosto sobre a sociedade cubana. Na sua forma de perceber a situação interna de Cuba, ele continua a frisar que não há ameaças para os demais países do continente advindas de Cuba, entrando em sintonia com a pregação estadunidense. Para o diplomata brasileiro, o grande problema de Cuba não é militar, mas sim econômico.

Entretanto, no dia anterior ao envio da mensagem do embaixador brasileiro, haviam chegado a Cuba, a bordo do navio soviético *Omsk*, os primeiros mísseis soviéticos de médio alcance, os MRBM. Esses mísseis eram capazes de atingir as regiões dos Estados Unidos mais próximas de Cuba. Os demais mísseis, entre os quais os de alcance intermediários, os IRBM, capazes de atingir a capital estadunidense e a cidade de Nova York, chegariam em Cuba no fim do mês de setembro (Dobbs, 2009: 42-45).

Enquanto as armas soviéticas eram desembarcadas em Cuba sem ninguém saber, da representação brasileira na Organização dos Estados Americanos era enviado para o Itamaraty uma série de esclarecimentos mais aprofundados a respeito do pedido do ministro Afonso

<sup>53</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 298. SECRETO. Assunto: Política do Governo Cubano. Ajuda Soviética. Data: 11 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>54</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 298. SECRETO. Assunto: Política do Governo Cubano. Ajuda Soviética. Data: 11 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>55</sup> Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 298. SECRETO. Assunto: Política do Governo Cubano. Ajuda Soviética. Data: 11 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Arinos de Melo Franco sobre a intenção dos EUA perante a Comissão Consultiva de Segurança. Penna Marinho argumenta que o propósito dos Estados Unidos realmente é pedir à comissão um estudo sobre a infiltração comunista realizada pelos técnicos e militares soviéticos em Cuba confirmando serem eles, ou não, elementos de subversão nos países americanos. Todavia, essa solicitação ainda não foi tomada. Houve, sim, uma solicitação que possivelmente ainda não seja de conhecimento do Itamaraty: que seja “realizado um estudo geral sobre perigo que representa para a paz e segurança do continente o grande número de viagens entre repúblicas americanas e o bloco chino-soviético e Cuba”.<sup>56</sup>

Para Penna Marinho, os Estados Unidos propõem e procuram justificar, inclusive através de menções a resoluções inclusive da VIII Reunião de Consultas, que:

embora muitas dessas viagens não sejam de caráter subversivo, representam elas todas um dos meios utilizados pelo movimento comunista internacional para doutrinar agentes e para transmitir propaganda e instruções. O projeto da proposta faz referência, particularmente, ao recrutamento de pessoas, individualmente ou em grupos, para visitar países do bloco chino-soviético e Cuba com aqueles fins e para viagens de agentes conhecidos do comunismo internacional, que representam um perigo real e iminente á estabilidade política dos governos e à segurança do continente<sup>57</sup>.

Caberia, portanto à Comissão Consultiva de Segurança da OEA controlar o trânsito de pessoas para fora do continente e, dentro do continente para Cuba, de acordo com o projeto estadunidense. O embaixador brasileiro na OEA ainda alerta ao governo brasileiro que o projeto “pretende reviver o sistema policial de controle vigorante por ocasião da Segunda Guerra Mundial”.<sup>58</sup>

Esse projeto, de acordo com o telegrama de Penna Marinho, teve o apoio de vários delegados da comissão, o que dificultaria a sua não aprovação. A alternativa seria utilizar-se da ressalva incluída pelo delegado brasileiro na comissão, relativa ao “repúdio às medidas repressivas que com pretexto de isolar e combater o comunismo possam facilitar a aparição e o fortalecimento de doutrinas e medidas reacionárias” e a partir disso entender “que a liberdade de locomoção não pode ser indiscriminadamente tolhida”.<sup>59</sup>

Após essa argumentação, o representante brasileiro na OEA se pôs a conjecturar a respeito dos motivos que levaram os EUA a apresentar esse projeto de resolução. Para ele, a resposta estava relacionada a política interna dos Estados Unidos, com especial atenção para as eleições que ocorreriam em novembro. Penna Marinho imaginava que Kennedy estivesse sofrendo pressões dos republicanos e de setores da imprensa e que, portanto, “Kennedy talvez necessite no interesse eleitoral dos democráticos, de dar satisfação à opinião pública tomando qualquer providência relativa à chegada de técnicos militares soviéticos a Cuba”. Na

---

<sup>56</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 443. CONFIDENCIAL. Assunto: Infiltração comunista nas Américas. Data: 12 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>57</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 443. CONFIDENCIAL. Assunto: Infiltração comunista nas Américas. Data: 12 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

<sup>58</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 443. CONFIDENCIAL. Assunto: Infiltração comunista nas Américas. Data: 12 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF

<sup>59</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 443. CONFIDENCIAL. Assunto: Infiltração comunista nas Américas. Data: 12 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF

avaliação do embaixador brasileiro, o governo estadunidense, por manter também técnicos e militares em países muito próximos da URSS e da China, não pretendia mais do que medidas paliativas, como a discussão na comissão e “como a informal conversa de Chanceleres em Nova York, evitando uma reunião formal, para não atacar frontalmente o tema, assim procura contornar”.<sup>60</sup>

### **Considerações finais**

Calcado em um movimento de fortes elementos nacionalistas, o movimento revolucionário cubano liderado por Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Raul Castro e Camilo Cienfuegos se desenvolveu articulando elementos antiimperialistas e anticapitalistas, o que culminou na declaração, em 16 de abril de 1961 – em meio aos episódios da tentativa de invasão da Baía dos Porcos – do caráter socialista da Revolução.

Ao latino-americanizar a Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos da América, sob os auspícios de John Fitzgerald Kennedy, passaria a eleger Cuba como seu maior inimigo. Muito mais pelo que poderia representar frente aos demais países do continente do que por qualquer tipo de ameaça a seu território. Para lidar com a situação, o governo estadunidense modelou uma estratégia baseada em dois pontos: a política (com o projeto da Aliança para o Progresso) e a força militar (com a doutrina da contra-insurgência). É importante destacar que ambas ações aconteciam de forma concomitante, sendo não mais do que uma vã ilusão acreditar que a contra-insurgência só passaria a ser uma tática empregada a partir do fracasso da Aliança para o Progresso.

As relações entre os EUA e Cuba se agravavam rapidamente. Eram correntes comentários a respeito de uma invasão da ilha por tropas militares da superpotência. A tal ponto que o primeiro-ministro da União Soviética ofereceu mísseis nucleares para a defesa de Cuba – e também para restabelecer o equilíbrio de poder, pois havia mísseis estacionados na Turquia e na Itália apontados para a URSS. Castro acabou aceitando a proposta de Krushev e o auxílio militar começara a tomar grandes proporções.

O governo brasileiro começara a se interessar mais de perto pela “questão de Cuba”. Através de seus representantes em Havana, Bastian Pinto e Ruiz de Gamboa, passou a acompanhar o que estava acontecendo em Cuba com mais atenção. Os relatos sobre a movimentação de soviéticos passaram a ter maior frequência a partir de julho e agosto. Em setembro, o presidente Kennedy se manifestava publicamente falando da existência de armamento soviético em Cuba mas destacava que se tratava de armas de caráter defensivo. Ao mesmo tempo, o representante de seu país na OEA tratava de estabelecer contatos com a intenção de realizar uma reunião informal dos chanceleres nos EUA, nos primeiros dias de outubro, para tratar, principalmente, da questão de Cuba – o que, definitivamente, não era do interesse do governo do Brasil. Sua solidariedade ao governo cubano era vista como intolerável pelos ocupantes da Casa Branca.

### **Fontes primárias**

---

<sup>60</sup> Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 443. CONFIDENCIAL. Assunto: Infiltração comunista nas Américas. Data: 12 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF

Comunicado Conjunto Brasil-Polônia. Varsóvia, 17 de maio de 1962. ARQUIVO SAN TIAGO DANTAS (AP47), Caixa 42, pacotilha 1. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro/ RJ.

Despacho telegráfico para a Delegação do Brasil junto à OEA. Carta-telegrama Num. 59. SECRETO. Assunto: Situação política em Cuba. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Despacho telegráfico para a Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 196. CONFIDENCIAL. Assunto: Comissão Consultiva de Segurança. Infiltração comunista nas Américas. Data: 05 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Despacho telegráfico para a Embaixada em Havana. Num. 139. Assunto: Situação de Cuba. Data: 29 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Despacho telegráfico para a Embaixada em Moscou. Num. 110. SECRETO. Assunto: Situação política de Cuba. Data: 02 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Despacho telegráfico para a Embaixada em Moscou. Num. 91. SECRETO. Assunto: Relações Cuba-URSS. Data: 08 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Despacho telegráfico para a Embaixada em Varsóvia. Num. 87. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Cuba. Data: 06 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Relatório do MRE para o ano de 1961. Apresentado ao Excelentíssimo Senhor Doutor João Belchior Marques Goulart, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, pelo Senhor Francisco Clementino San Tiago Dantas, Ministro das Relações Exteriores, p. 54-55.

ARQUIVO SAN TIAGO DANTAS (AP47), Caixa 33, pacotilha 1. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro/ RJ.

Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 436. CONFIDENCIAL. Assunto: Questão de Cuba. Reunião informal dos Chanceleres americanos. Data: 06 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Telegrama da Delegação do Brasil junto à OEA. Num. 443. CONFIDENCIAL. Assunto: Infiltração comunista nas Américas. Data: 12 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 222. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Havana. Data: 07 de junho de 1962. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores, Palácio do Itamaraty, Brasília/ DF, doravante, AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 242. SECRETO. Assunto: Visita do Chanceler Rapacki a Havana. Data: 03 de julho de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 243. Assunto: Visita de Raul Castro a Moscou. Data: 04 de julho de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 274. Assunto: Novo Embaixador Soviético em Havana. Data: 15 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 286. SECRETO. Assunto: Situação política de Cuba. Data: 31 de agosto de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

Telegrama da Embaixada em Havana. Num. 298. SECRETO. Assunto: Política do Governo Cubano. Ajuda Soviética. Data: 11 de setembro de 1962. AHMRE, Palácio do Itamaraty, Brasília/DF.

### Fontes secundárias

Almeida, Alberto Carlos (1998): *Presidencialismo, parlamentarismo e crise política no Brasil*, EDUFF, Niterói.

Bemvindo, Vitor (2009): *Os impactos da revolução cubana na política externa brasileira (1958-1961)*. (Dissertação de mestrado não publicada). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Biazetto, Bruno Henz (2008): *A insurreição no meu quintal: processo decisório e percepção da diplomacia norte-americana durante a Revolução Cubana (1958-1960)*. (Dissertação de mestrado não publicada). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Castro, Fidel (2009): A História me absolverá. In: ALI, Tariq. *Fidel Castro: as Declarações de Havana*, Zahar, Rio de Janeiro.

Diez Acosta, Tomás (2002): *Octubre de 1962: a um paso del Holocausto – uma mirada cubana a la crisis de los misiles*, Editora Política, Havana.

Dobbs, Michael (2009): *Um minuto para a meia-noite. Kennedy, Krushchev e Castro à beira da guerra nuclear*, Rocco, Rio de Janeiro.

Domingos (2010): *O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente na imprensa gaúcha*, Letra & Vida, Porto Alegre.

Gott, Richard (2006): *Cuba: uma nova História*, Zahar, Rio de Janeiro.

Hersh, Seymour (1998): *O lado negro de Camelot*, L&PM, Porto Alegre.

Hobsbawm, Eric (2003): *Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*, Companhia das Letras, São Paulo.

Kempe, Frederic (2013): *Berlim, 1961: Kennedy, Khrushchov e o lugar mais perigoso do mundo*, Companhia das Letras, São Paulo.

Khruchtchev, Nikita Sergeievitch (1991): *As fitas da glasnost: memórias de Khruchtchev*, Siciliano, São Paulo.

Lopez, Luiz Roberto (1983): *José Martí: pensamento e revolução*. (Monografia de Especialização em História da América Latina não publicada). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Máo Júnior, José Rodrigues (2007): *A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963)*, Núcleo de Estudos d'O Capital, São Paulo.

Pérez Junior, Louis (1998): Cuba, c.1930-1959, en : Bethell, Leslie. *Historia de America Latina*. Vol. 13 México y el Caribe desde 1930, Crítica, Barcelona.

Quinsani, Rafael Hansen (2014): *A Revolução em Película: uma reflexão sobre a relação Cinema-História e a Guerra Civil Espanhola*, Estronho, São José dos Pinhais.

Szulc, Tad (1987): *Fidel: um retrato crítico*, Best Seller, São Paulo.

Weiner, Tim (2008): *Legado de Cinzas: uma História da CIA*, Record, Rio de Janeiro.